

Uma tipologia de modos de vida na aposentadoria em Portugal

A typology of retirement lifestyles in Portugal

Joana Martins Guedes
Sérgio Bacelar e Silva
António Manuel Fonseca

RESUMO: O objetivo deste estudo é formular uma tipologia de modos de vida na aposentadoria, atendendo ao conjunto de recursos acumulados ao longo da trajetória de vida, sob a forma de *bens* (saúde, ambiente social, rendimento) e *potencialidades* (situação no trabalho, atividades fora do trabalho no passado, escolaridade, formação profissional). Foi usada a regressão logística para uma amostra de aposentados portugueses de ambos os sexos (N=499), com vista a clarificar o peso dessas variáveis em cada prática de aposentadoria. O resultado do modelo apresenta explicações plausíveis para quatro principais práticas de aposentadoria: retraimento, terceira idade, família, lazer, evidenciando os fatores que melhor explicam cada uma delas.

Palavras-chave: Aposentadoria; Modos de vida na aposentadoria; Tipologia.

ABSTRACT: *The aim of this study is to formulate a typology of retirement lifestyles considering a set of accumulated resources along the life course, in the form of goods (health, social environment, income) and potential (employment status, outside work activities in the past, education, vocational training). Logistic regression was used to a sample of Portuguese retirees of both sexes (N=499) in order to clarify the impact of these variables on each retirement practice. The result of the model presents plausible explanations for four main retirement practices: withdrawal, third age, family, leisure, highlighting the factors that best explain each one of them.*

Keywords: *Retirement; Retirement lifestyles; Typology.*

Introdução

Abordar modos de vida na aposentadoria pressupõe pensar na heterogeneidade do processo de transição e adaptação a uma nova etapa do ciclo vital. À semelhança de outras transições ao longo da vida, as experiências da transição/adaptação à aposentadoria podem comportar algum grau de desconforto ou estresse, particularmente em contextos em que impera a valorização extrema do trabalho. Se um indivíduo foi cultivando um estilo flexível para lidar com as transições de vida anteriores, está menos integrado socialmente no seu trabalho, e reúne atributos que ajudam a suavizar e concretizar a transição, esse indivíduo estará mais preparado para a adaptação à aposentadoria e para conseguir melhores resultados desse processo (van Solinge & Henkens, 2008; Wang & Shultz, 2010; Wang, Henkens & van Solinge, 2011). O sucesso deste processo depende, em grande medida, das circunstâncias específicas em que o mesmo ocorre. Destacam-se algumas circunstâncias em que a aposentadoria se pode tornar num acontecimento estressante: quando é involuntária e não planeada; quando o indivíduo não tem outros meios de suporte para além do salário; quando a própria vida não era feliz e o trabalho se assumia como um escape; quando é precipitada por uma situação de má saúde ou perda de saúde (Vaillant, 2002). As atitudes perante o ócio e o trabalho, aspetos remuneratórios do trabalho, o lugar de residência, a rede social de apoio, são também fatores que influenciam a adaptação bem-sucedida à aposentadoria (Fonseca, 2011). Atchley (2000) menciona igualmente que o nível educacional e o tipo de trabalho variam na razão inversa do desejo da aposentadoria. Condições de trabalho indesejáveis, caracterizadas, por exemplo, por elevada exigência física e cognitiva, são suscetíveis de conduzir os

trabalhadores mais velhos para a aposentadoria (Shultz, Morton & Weckerle, 1998). Compreender os modos de vida na aposentadoria obriga, pois, a perceber os recursos a que os indivíduos foram acedendo ao longo da sua trajetória de vida, e os recursos de que dispõem no momento da transição para a aposentadoria, atendendo a que os mesmos contribuem para que os indivíduos se sintam mais ou menos satisfeitos. Considerando uma revisão sobre estudos internacionais que avaliam a adaptação à aposentadoria (Wang, Henkens, & van Solinge, 2011), verifica-se que aposentar-se por problemas de saúde, possuir filhos dependentes financeiramente, perder o parceiro durante a transição, e aposentar-se mais cedo do que o esperado, são condições que afetam negativamente a adaptação à aposentadoria. Por outro lado, ter saúde física e mental, aposentar-se por decisão própria, usufruir de bom *status* financeiro, envolver-se em lazer e trabalho formal ou voluntário, ter planeado a aposentadoria, aposentar-se para fazer outras atividades, ter boa relação conjugal e estar insatisfeito com o trabalho, ou estar desempregado antes da aposentadoria, são condições favoráveis à adaptação após a aposentadoria. Evidências sugerem que a mudança de recursos em diversos domínios da vida, sejam eles recursos físicos, emocionais, cognitivos, financeiros, sociais, motivacionais ou emocionais, está associada à variação da qualidade na adaptação à aposentadoria (Wang, Henkens, & van Solinge, 2011).

Não obstante o carácter ainda recente do direito à aposentadoria em Portugal, ela é já entendida como um dado adquirido das trajetórias de vida modernas e significa um ritual de passagem, uma saída da vida ativa de trabalho, com a garantia de pensões ou benefícios da segurança social, independentemente da participação atual ou passada na vida ativa (Kunemund & Kolland, 2008). No caso português, é cada vez mais evidente que os recém-aposentados representam uma geração fortemente diferenciada em termos de acesso a oportunidades de desenvolvimento pessoal, de qualificação e de rendimentos, particularmente se comparada com a geração das pessoas muito idosas. Contudo, pouco se conhece das reconstruções e dos percursos de adaptação das novas gerações de aposentados, resultantes das formas de transição trabalho/aposentadoria (Quaresma, 2008). Efetivamente, pouco sabemos acerca da evolução destes novos modos de vida e dos comportamentos no pós-aposentadoria, do modo como estes adultos projetam o futuro, e rentabilizam o seu capital social, cultural e económico em novas formas de participação social, cultural e cívica. Este eixo de investigação é estratégico para o planeamento de políticas públicas dirigidas a este grupo populacional.

Neste estudo selecionamos, como foco de investigação, o impacto da acumulação de certos recursos como determinante para a construção de modos diferenciados de viver a

aposentadoria, testando e reatualizando uma tipologia clássica proposta por Guillemard na década de 1970, estudo inovador e de influência inquestionável na compreensão desta temática.

A aposentadoria numa ótica desenvolvimental – teoria da continuidade e perspectiva dos recursos

Partindo de uma perspectiva desenvolvimental do ciclo de vida (Baltes, 1987), o desenvolvimento humano será o resultado da interação entre fatores biológicos, históricos e culturais, refletindo a arquitetura do desenvolvimento, as interações que estes fatores estabelecem entre si, bem como a respetiva evolução ao longo do tempo. A perspectiva de ciclo de vida destaca igualmente a ideia da interdependência das esferas da vida, ou seja, as experiências em determinado domínio da vida como, por exemplo, o trabalho, influenciam e são influenciadas por outras esferas da vida. Neste sentido, os domínios da vida que não estão relacionados com o trabalho são importantes para a adaptação à aposentadoria, na medida em que providenciam aos aposentados alternativas ocupacionais e de valorização das respectivas identidades, oferecendo-lhes oportunidades para se envolverem em atividades desejáveis e com significado após a aposentadoria (Wang *et al.*, 2011). Neste sentido, a aposentadoria é entendida como um acontecimento integrado no contínuo fluir de experiências que caracterizam a vida (Fonseca, 2007) e predomina a visão de uma trajetória de desenvolvimento positivo na vida pós-aposentadoria (Pinquart & Schindler, 2007; Wang, 2007).

A teoria da continuidade enfatiza o contínuo desenvolvimento dos indivíduos e a tendência de manterem padrões consistentes ao longo da vida, verificando-se uma alta probabilidade de associação entre o passado e o presente, e uma elevada capacidade de acomodação de mudanças e transições. Os padrões sobre as formas de pensar, atuar e relacionar-se podem ser antecipados, mesmo quando o indivíduo tem que se adaptar a situações negativas (Atchley, 2000). O desejo de continuidade serve de base ao processo de adaptação, e motiva as pessoas a estarem preparadas para as grandes mudanças, tais como a aposentadoria. Consequentemente, é possível prever que apenas severas dificuldades em manter padrões gerais de vida poderiam conduzir a uma qualidade não desejável da transição e a uma adaptação mal sucedida à aposentadoria (Wang & Shi, 2014). Neste sentido de

continuidade, a passagem à aposentadoria não representa uma rutura assim tão significativa na vida da pessoa, uma vez que esta não desenvolve apenas um único papel ao longo da vida, mas vários: trabalhador, pai, amigo, membro de uma associação ou clube etc. O indivíduo vai investindo noutras esferas da sua vida, como a família, os amigos, os lazeres, as associações, entre outras. Assim sendo, podemos supor que o indivíduo se vai preparando para o seu novo papel de aposentado. Conseguir ajustar os interesses individuais desenvolvidos ao longo da trajetória às condições impostas pela aposentadoria, substituindo a atividade profissional por novos planos e objetivos que tornem a vida tão preenchida como anteriormente, parece ser a condição para uma aposentadoria satisfatória (Fonseca, 2011).

Ainda numa linha de curso de vida, assente no paradigma do desenvolvimento contínuo dos indivíduos, a perspetiva dos recursos vem dar ênfase à tese de que esse desenvolvimento depende das exigências e oportunidades com que os indivíduos se deparam em cada fase da sua vida, do contexto sócio-histórico em que se encontram e de fatores de ordem pessoal e contextual. De acordo com esta perspetiva, os recursos podem ser definidos como o acervo de capacidades que o indivíduo possui para fazer face às necessidades por ele valorizadas e podem incluir recursos físicos individuais, recursos cognitivos, recursos motivacionais, financeiros, sociais e emocionais (Wang, 2007).

A premissa central da perspetiva dos recursos no estudo da adaptação à aposentadoria reside na ideia de que a facilidade de adaptação é o resultado direto do acesso dos indivíduos a esses recursos e às mudanças nesses recursos (Wang *et al.*, 2011). Por outras palavras, quando as pessoas dispõem dos recursos de que necessitam para preencher necessidades que valorizam vão sentir menos dificuldade de adaptação à aposentadoria. Contrariamente, o decréscimo desses recursos poderá produzir efeitos adversos nesse processo, podendo conduzir o aposentado a estados de privação, depressão, retraimento físico ou social (Wang & Shi, 2014). Assim sendo, se ao longo da vida a totalidade dos recursos não muda significativamente, é previsível que os indivíduos não experienciem grandes mudanças ao nível da adaptação. Contrariamente, se os recursos decrescem consideravelmente, os indivíduos sentirão uma mudança negativa no nível da adaptação. Por outro lado, se os indivíduos investem significativamente na aquisição de novos recursos que preencham necessidades valorizadas, podem experienciar uma mudança positiva ao nível da adaptação. Em suma, este acréscimo ao quadro teórico dos recursos tem a vantagem de acomodar uma variedade de padrões longitudinais que conferem flexibilidade para compreender diferenças individuais que ocorrem longitudinalmente no processo de adaptação à aposentadoria (Wang,

2007; Wang & Shi, 2014). O bem-estar dos aposentados pode, assim, flutuar a qualquer altura, de acordo com a variação da totalidade dos seus recursos.

Contributos de uma tipologia – dos recursos às oportunidades

Destacando justamente a importância dos recursos acumulados na vivência da aposentadoria, Anne-Marie Guillemard desenvolveu em França, nos finais dos anos 60, uma célebre investigação com vista a testar o impacto desses recursos nos modos de vida dos aposentados. A autora parte da perspectiva de que as práticas de aposentadoria dependem dos recursos acumulados durante a vida de trabalho. Esses recursos podem assumir-se sob a forma de *bens* (rendimento, ambiente social, saúde) ou de *potencialidades* (instrução, situação de trabalho no passado, formação profissional e atividades fora do trabalho, no passado) (Guillemard, 1972). A posse desses diferentes recursos (bens e potencialidades), para além de influenciarem os trunfos detidos para enfrentar a aposentadoria, mostrou ter um impacto diferenciado no modo como os aposentados vivenciavam diferentes modos de vida na aposentadoria. A tipologia de que Guillemard partiu e que pretendeu testar era assim caracterizada (Caradec, 2009; Guillemard, 1972):

Aposentadoria Retraimento – indivíduo adapta-se à aposentadoria, fechando-se sobre o seu ser biológico, sendo grande parte do seu tempo concedido ao sono e a atos dirigidos à manutenção da vida. O consumo é destinado apenas à sobrevivência, excluindo a satisfação de necessidades sociais. Assiste-se a uma paralisia de todas as atividades sociais ou produtivas, deixam de se construir projetos, limitando-se o campo social e espacial dos sujeitos. Neste tipo de aposentadoria verifica-se uma ausência de recursos acumulados, quer sejam potencialidades ou bens.

Aposentadoria Terceira-Idade - o aposentado integra-se no tecido social através de novas atividades criativas, socialmente reconhecidas. Desenvolvem-se novas atividades produtivas, que estruturam largamente a vida dos sujeitos, fruto geralmente de centros de interesse antigos que vêm tomar o lugar da atividade profissional. Este tipo é determinado, sobretudo, pela presença de recursos acumulados sob a forma de *potencialidades* (situação de trabalho no passado, atividades fora do trabalho no passado, escolaridade e formação profissional), sendo que o domínio dos *bens* apresenta fraca relação com esta prática de aposentadoria.

Aposentadoria Família – corresponde a um conjunto de práticas tradicionais. Como já não contribui para a produção coletiva, o aposentado reencontra seu papel no sistema das relações familiares. A instituição família funciona como um mediador que permite ao indivíduo ficar ligado à sociedade. Em muitos casos verifica-se a coabitação com os filhos, uma forte intensidade das relações, numerosas participações familiares e a participação financeira a fim de auxiliar os filhos. Por estes motivos, o aposentado considera que desempenha um papel importante na manutenção da estrutura familiar.

Aposentadoria lazer – o tempo disponível é dedicado ao consumo privado de bens, tais como férias, viagens, televisão, assim como numerosas atividades culturais e/ou desportivas, que permitem a reinserção na organização social. O aposentado assume um papel de consumidor, mas socialmente valorizado, num mercado cada vez mais destinado à terceira idade. A aposentadoria assume-se como uma recompensa e caracteriza-se por uma busca permanente de distração. Segundo esta tipologia, em ambas as práticas o aposentado integra-se através de atividades de consumo, quer seja consumo em meio familiar fechado, quer seja um consumo de massas. Ambas requerem que se tenha acumulado recursos vários ao longo da vida, mas particularmente bens. É preciso dispor, sobretudo, de um bom nível de rendimento, de boa saúde e de uma larga rede de relações sociais (ambiente social). Contudo, foi em função da presença de certas potencialidades no passado (ex.: instrução e situação de trabalho) que os bens puderam ser acumulados.

Aposentadoria reivindicação – nesta prática os aposentados contestam o lugar atribuído aos idosos na sociedade, assim como as atitudes discriminatórias face aos mais velhos. A atitude reivindicativa assenta na consciencialização de que os aposentados representam um grupo solidário e com interesses próprios, e podem assumir-se como uma comunidade na defesa dos seus direitos em relação à sociedade. Esta prática traduz-se por uma larga participação em associações de idosos, assim como uma frequência significativa de relações próximas com membros do mesmo grupo etário. Estabelecendo uma recusa com a ordem existente, este tipo situa-se a um nível político, privilegiando uma relação com a estrutura da ação, mas também uma dimensão criativa. Destaca-se, aqui, a posse de potencialidades mais do que bens.

Aposentadoria Participação – apesar do seu nome, esta prática não pressupõe a participação na produção coletiva, mas a integração do aposentado na sociedade, sobretudo, através do consumo elevado de *mass media*, particularmente rádio e televisão, que veiculam de forma bastante direta o sistema de valores dominantes. Concretamente, esta prática manifesta-se pelo elevado dispêndio de horas a escutar rádio e ver televisão e por uma

aceitação tácita do estatuto social imposto aos idosos. Esta prática privilegia a posse de bens face às potencialidades.

Método

Participantes

Foi realizada uma investigação, com desenho transversal, através de um inquérito por questionário, aplicado a uma amostra de conveniência (não probabilística), composta por 540 aposentados (41,5% de homens e 58,5% de mulheres), com uma média de idades de 70,7 (D.P.= 6,7) e com um tempo médio de aposentadoria de 10 anos (D.P. = 7,0). Os participantes no estudo eram maioritariamente casados ou em união de facto (65%). Os restantes dividiam-se entre viúvos (24,1%), solteiros (4,1%) e separados (6,9%). A maior percentagem de participantes frequentou níveis de ensino até à escolaridade primária (62,8%), seguido de 23,1% que frequentou até o ensino secundário, e apenas 14, 1% o ensino superior.

Para participarem neste estudo, foram inquiridos aposentados do concelho de Matosinhos, na Área Metropolitana do Porto, região Norte de Portugal, um contexto geográfico bastante diversificado, com áreas urbanas, semiurbanas e também de alguma ruralidade. Definiram-se como critérios de inclusão no estudo serem indivíduos de ambos os sexos, aposentados pelo menos há um ano, procurando ultrapassar possíveis enviesamentos relacionados com as representações que tendem a associar a aposentadoria a uma fase de “lua-de-mel” (Atchley, 2000). Excluíram-se, por seu lado, indivíduos com comprometimento cognitivo aparente ou dificuldade óbvia em responder às questões, assim como indivíduos que pela sua debilidade física carecem já de apoio prestado por instituições do tipo lares de idosos, serviços de apoio domiciliário ou centros-dia. Considerou-se que os efeitos de adaptação à aposentadoria, nestas circunstâncias, seriam mais fortemente influenciados pelos efeitos da idade biológica do que por fatores de outra ordem.

Procurou-se entrevistar, preferencialmente, indivíduos com trajetórias escolares e profissionais diversificadas, considerando que a padrões de envolvimento profissional diferentes vão corresponder também atitudes diferenciadas face à aposentadoria (Fonseca, 2011). Para que os resultados refletissem uma pluralidade de experiências e modos de vida na aposentadoria, houve a preocupação de que os indivíduos fossem provenientes de diferentes

contextos sociais, económicos, familiares, culturais e relacionais, e que pudessem estar envolvidos, ou não, em projetos sociais, de apoio familiar e/ou comunitário, refletindo diferentes formas de ocupação do tempo. Pretendeu-se explorar variáveis e fatores das trajetórias dos sujeitos que melhor pudessem explicar o modo como ocupam o tempo, desenvolvem redes de sociabilidade, participam na comunidade e concebem as suas experiências de adaptação à aposentadoria.

Instrumento e variáveis

Foi elaborado um questionário, inspirado no originalmente construído por Guillemard (1972), depois de previamente solicitada a autorização da autora. Para além de um conjunto de questões de natureza sociodemográfica (sexo, idade, lugar de residência atual, estado civil), foram privilegiadas questões relacionadas com as seguintes dimensões: passado residencial; atividade profissional passada; estado de saúde; atividades quotidianas; vida social passada; situação de família, relações de amizade; recursos financeiros; relações com a sociedade.

Assumindo que a adaptação à aposentadoria resultará da posse ou do acesso a recursos socialmente valorizados (Wang *et al.*, 2011), posicionamo-nos na perspetiva de que as práticas de aposentadoria enunciadas por Guillemard (Retraimento, Terceira Idade, Família, Lazer, Reivindicação, Participação) dependem de combinações diferenciadas de recursos acumulados durante a vida de trabalho, sob a forma de:

- (1) *Bens*: saúde (ter ficado acamado no decorrer do último ano; hospitalizações ao longo dos últimos cinco anos; frequência de contactos com o médico; presença de uma deficiência física; dificuldade em realizar atividades de vida); ambiente social (presença de companheiro; filhos; família alargada; rede de amizades e existência de alguém com quem contar em caso de necessidade); rendimento (menos do salário mínimo; igual ao salário mínimo; até duas vezes; mais de dois salários mínimos);
- (2) *Potencialidades*: situação de trabalho no passado (história profissional detalhada; modo de remuneração; aspeto repetitivo ou variado das tarefas; possibilidade de organizar o seu campo de trabalho; posição no sistema de autoridade); atividades realizadas fora do trabalho, no passado (participação em organizações; existência

de um hobby; prática habitual de atividades distrativas ou culturais; prática da leitura); escolaridade (básica, secundária ou superior); formação profissional.

Esses modos de vida específicos da aposentadoria serão, pois, o resultado dos bens e potencialidades adquiridos ao longo da vida, os quais influenciarão os recursos que cada indivíduo possui para enfrentar esta nova etapa do ciclo de vida.

Procedimentos

O inquérito, realizado por entrevista, foi aplicado diretamente pela investigadora, com a colaboração de um grupo de alunos da licenciatura em gerontologia social do Instituto Superior de Serviço Social do Porto, os quais receberam formação específica para o efeito. Os participantes foram abordados em diversos contextos, espaços institucionais (universidades seniores, projetos de voluntariado), no seu domicílio, em cafés, em praças ou locais públicos. Apesar da natureza dos espaços, tentou assegurar-se a maior privacidade possível. A cada participante era inicialmente solicitado um consentimento informado, depois de explicados os objetivos do estudo e garantida a confidencialidade das informações prestadas. O tempo médio de aplicação do questionário oscilou entre 45 a 60 minutos. Os dados recolhidos foram analisados através do *software* estatístico IBM SPSS Statistics, versão 22. Realizaram-se análises estatísticas bivariadas com o objetivo de avaliar a associação entre as variáveis que compunham cada prática de aposentadoria (testes do Qui-quadrado de Pearson), assim como para testar preliminarmente a relação entre cada prática de aposentadoria e respetivas variáveis explicativas.

Usou-se a regressão logística (Lemeshow & Hosmer, 2013) para avaliar o valor explicativo dessas variáveis, após se terem verificado os pressupostos para a sua realização: a) o rácio entre o número de casos e o número de variáveis explicativas é suficientemente elevado (499 / 7); b) não parecem surgir situações de multicolinearidade, uma vez que as inter-correlações entre as variáveis explicativas são baixas e os diagnósticos de multicolinearidade com base nos níveis de tolerância e nos valores do VIF apresentam valores aceitáveis; c) o exame dos resíduos estandardizados e das distâncias de Mahalanobis permite também afastar a hipótese da existência de *outliers* que pudessem perturbar a análise.

A regressão logística relacionou cada uma das seis práticas de aposentadoria, todas elas dicotómicas (Retraimento, Terceira Idade, Família, Lazer, Reivindicação, Participação)

com um conjunto de sete variáveis independentes, também todas elas dicotômicas (situação de trabalho passado, atividade fora do trabalho no passado, escolaridade, formação profissional, ambiente social, saúde, rendimento). Em cada uma das análises usaram-se 499 casos dos 540 que compunham a nossa amostra. Em cada uma das seis regressões efetuadas, existiam 41 casos omissos, inteiramente atribuídos à variável situação de trabalho no passado.

Resultados

No caso da regressão sobre o tipo Retraimento, 300 casos correspondiam a um valor menor do índice e 199 tinham um valor maior. O teste do modelo completo com todos os sete preditores, por comparação com o modelo apenas com a constante, revelou-se estatisticamente significativo, $\chi^2(7, N = 449) = 138,863$, $p < 0,001$, indicando que os preditores, como um conjunto, distinguem de forma significativa os casos de Retraimento menor e maior. A percentagem de variabilidade explicada do tipo Retraimento é de 32,9% (R^2 de Nagelkerke). A classificação assumiu valores elevados, verificando-se que 65,8% dos casos com Retraimento elevado e 78,8% dos casos com Retraimento baixo foram corretamente classificados, para uma taxa de sucesso global de 73,3%.

Na Tabela 1 apresentam-se os coeficientes de regressão, as estatísticas de Wald, e os *odd ratios* para cada um dos sete preditores. De acordo com o critério de Wald, verifica-se que cinco variáveis predizem significativamente o tipo Retraimento: saúde e ambiente social ($p < 0,001$), atividade fora do trabalho no passado e formação ($p < 0,01$), e escolaridade ($p < 0,05$).

Para as duas primeiras variáveis, os *odd ratio* de 0,376 e 0,426, respetivamente, mostram a existência de um forte impacto na verosimilhança dos casos apresentarem um Retraimento elevado, com base numa alteração de uma unidade destas variáveis predictoras. Esta prática de aposentadoria partia do pressuposto teórico da não acumulação de quaisquer recursos ao longo da vida. Verificou-se, contudo, que a situação de trabalho no passado e o rendimento não se revelaram variáveis explicativas do tipo de aposentadoria Retraimento.

Tabela 1

Análise de regressão logística do tipo Retraimento

Variável explicativa	B	S.E.	Wald	gl	Sig.	Exp(B)
Situação trabalho passado	-0,394	0,271	2,112	1	0,146	0,674
Atividade fora trabalho	-0,692	0,269	6,639	1	0,010	0,501
Saúde	-0,977	0,218	20,179	1	0,000	0,376
Ambiente social	-0,854	0,219	15,173	1	0,000	0,426
Escolaridade	-0,619	0,279	4,939	1	0,026	0,538
Formação profissional	-0,940	0,302	9,662	1	0,002	0,391
Rendimento	-0,140	0,254	0,304	1	0,581	0,869
Constante	1,280	0,198	41,814	1	0,000	3,596

χ^2 do modelo = 138,863 p < 0,001

R² de Nagelkerke = 0,329

n = 499

Nota: A Variável de resposta nesta análise é o tipo Retraimento, codificado como 0 ="baixo" e 1 ="elevado"

No caso da regressão sobre o tipo Terceira Idade, 353 casos correspondiam a um valor menor do tipo e 146 tinham um valor maior. O teste do modelo completo com todos os sete preditores, por comparação com o modelo apenas com a constante, revelou-se estatisticamente significativo, χ^2 (7, N = 449) = 43,777, p < 0,001, indicando que os preditores distinguiram de forma significativa os casos de Terceira Idade menor e maior. A percentagem de variabilidade explicada da prática Terceira Idade é de 12,0% (R² de Nagelkerke). Verificou-se que 24,0% dos casos referentes ao tipo Terceira Idade com valor elevado e 91,8% dos casos com valor baixo foram corretamente preditos. A classificação assumiu valores elevados para uma taxa de sucesso global de 71,9%.

Na Tabela 2, verifica-se que três variáveis predizem significativamente o tipo de aposentadoria Terceira Idade: situação de trabalho no passado (p < 0,001), formação profissional (p < 0,01) e atividade fora do trabalho no passado (p < 0,05). Para as duas primeiras variáveis, os *odd ratio* são ligeiramente superiores a dois, mostrando a existência de um forte impacto na verosimilhança dos casos apresentarem uma prática de Terceira Idade elevada, com base numa alteração de uma unidade em cada uma destas variáveis explicativas, mantendo-se constantes as restantes.

Quem acumulou recursos, mas preferencialmente potencialidades (escolaridade, situação de trabalho passada, atividade fora do trabalho e formação profissional) desenvolverá

uma aposentadoria do tipo Terceira Idade. Verifica-se a hipótese avançada, sendo que apenas a escolaridade não se mostra relevante para ajudar a prever esta prática de aposentadoria.

Tabela 2

Análise de regressão logística do tipo Terceira Idade

Variável explicativa	B	S.E.	Wald	gl	Sig.	Exp(B)
Situação trabalho passado	0,812	0,240	11,436	1	0,001	2,253
Atividade fora trabalho	0,460	0,234	3,868	1	0,049	1,584
Saúde	-0,196	0,220	0,795	1	0,373	0,822
Ambiente social	0,327	0,208	2,465	1	0,116	1,387
Escolaridade	-0,041	0,280	0,021	1	0,884	0,960
Formação profissional	0,781	0,289	7,303	1	0,007	2,183
Rendimento	-0,344	0,271	1,611	1	0,204	0,709
Constante	-1,467	0,201	53,550	1	0,000	0,231

χ^2 do modelo = 43,777 $p < 0,001$

R^2 de Nagelkerke = 0,120

n = 499

Nota: A Variável de resposta nesta análise é o tipo Terceira Idade, codificado como 0="baixo" e 1="elevado"

No caso da regressão sobre o tipo Família, 249 casos correspondiam a um valor menor do tipo e 250 tinham um valor maior. O teste do modelo completo com todas as sete variáveis explicativas, por comparação com o modelo apenas com a constante, revelou-se estatisticamente significativo, $\chi^2(7, N = 449) = 84,163$, $p < 0,001$, indicando que os preditores, como um conjunto, distinguem de forma significativa os casos com valores menores e maiores para a prática de Família. A percentagem de variabilidade explicada da prática Família por este modelo é de 20,7% (R^2 de Nagelkerke). Verificou-se que 61,2% dos casos com valor elevado e 76,7% dos casos com valor baixo foram corretamente classificados, para uma taxa de sucesso global de 68,9%.

Na Tabela 3 constata-se que apenas duas variáveis predizem significativamente o tipo Família: o ambiente social ($p < 0,001$) e o rendimento ($p < 0,05$). Para as duas variáveis, os *odd ratio* de 4,947 e 1,660, respetivamente, mostram a existência de um forte impacto na verosimilhança dos casos apresentarem um tipo Família elevado, com base numa alteração de uma unidade destas variáveis explicativas.

Tabela 3

Análise de regressão logística do tipo Família

Variável explicativa	B	S.E.	Wald	gl	Sig.	Exp(B)
Situação trabalho passado	0,170	0,242	0,495	1	0,482	1,186
Atividade fora trabalho	-0,191	0,236	0,656	1	0,418	0,826
Saúde	0,175	0,206	0,722	1	0,396	1,191
Ambiente social	1,599	0,202	62,507	1	0,000	4,947
Escolaridade	-0,315	0,269	1,371	1	0,242	0,730
Formação profissional	0,279	0,280	0,997	1	0,318	1,322
Rendimento	0,507	0,246	4,260	1	0,039	1,660
Constante	-0,944	0,183	26,562	1	0,000	0,389

χ^2 do modelo = 84,163 p < 0,001

R² de Nagelkerke = 0,207

n = 499

Nota: A Variável de resposta nesta análise é o tipo Família, codificado como 0="baixo" e 1="elevado"

No caso da regressão sobre o tipo Lazer, 228 casos correspondiam a um valor menor e 271 assumiam um valor maior. O teste do modelo completo com todos os sete preditores, por comparação com o modelo apenas com a constante, revelou-se estatisticamente significativo, χ^2 (7, N = 449) = 192,091, p < 0,001, indicando que os preditores, como um conjunto, distinguem de forma significativa os casos de Lazer menor e maior. A percentagem de variabilidade explicada do tipo Lazer é de 42,7% (R² de Nagelkerke). A classificação assumiu valores elevados, verificando-se que 76,4% dos casos com Lazer elevado e 79,4% dos casos com Lazer baixo foram corretamente classificados, para uma taxa de sucesso global de 77,8%.

Na Tabela 4 verifica-se que quatro variáveis predizem significativamente o grau de Lazer: atividade fora do trabalho no passado, ambiente social, formação profissional e rendimento (p < 0,001). Para as quatro variáveis, os *odd ratio* de 2,515, 3,317, 3,292 e 2,481, respetivamente, mostram a existência de um forte impacto na verosimilhança dos casos apresentarem um tipo de Lazer elevado, com base numa alteração de uma unidade de cada uma destas variáveis predictoras.

Tabela 4

Análise de regressão logística do tipo Lazer

Variável explicativa	B	S.E.	Wald	gl	Sig.	Exp(B)
Situação trabalho passado	0,310	0,276	1,267	1	0,260	1,364
Atividade fora trabalho	0,922	0,272	11,479	1	0,001	2,515
Saúde	0,393	0,230	2,935	1	0,087	1,482
Ambiente social	1,199	0,229	27,437	1	0,000	3,317
Escolaridade	0,446	0,285	2,449	1	0,118	1,563
Formação profissional	1,192	0,302	15,526	1	0,000	3,292
Rendimento	0,908	0,254	12,800	1	0,000	2,481
Constante	-1,790	0,219	66,869	1	0,000	0,167

χ^2 do modelo = 192,091 p < 0,001

R² de Nagelkerke = 0,427

n = 499

Nota: A Variável de resposta nesta análise é o tipo Lazer, codificado como 0="baixo" e 1="elevado"

Quem acumulou recursos, mas preferencialmente bens (saúde, rendimento e ambiente social) tenderá a desenvolver uma aposentadoria do tipo consumo, quer este esteja mais direcionado para a família, quer para os lazeres. Em ambos os casos a saúde não parece explicar suficientemente bem estes tipos de aposentadoria, embora se confirme o potencial explicativo das variáveis rendimento e ambiente social. Ter se beneficiado de formação profissional e ter desenvolvido outras atividades fora do trabalho no passado parecem ser igualmente variáveis explicativas da aposentadoria Lazer.

Relativamente aos tipos de aposentadoria Reivindicação e Participação, não parece ser possível considerá-las, do ponto de vista estatístico, como práticas de aposentadoria plausíveis. Embora no caso da aposentadoria Reivindicação o teste do modelo completo com todos os sete preditores, por comparação com o modelo apenas com a constante, se tenha revelado estatisticamente significativo, χ^2 (7, N = 449) = 29,528, p < 0,001, a percentagem de variabilidade explicada do tipo apresenta valores pouco relevantes (R² de Nagelkerke = 0,078). Em relação à aposentadoria Participação, o teste do modelo completo com todos os sete preditores não se revelou, desde logo, estatisticamente significativo, concluindo-se que as variáveis não se apresentam com potencial explicativo para esta prática de aposentadoria.

Discussão

Os nossos resultados contribuem para estender o trabalho que Anne-Marie Guillemard desenvolveu em França nos finais da década de sessenta, a uma amostra de homens e mulheres aposentados portugueses, destacando a relação entre os recursos acumulados ao longo da sua trajetória de vida e diversas práticas de aposentadoria. Dos vários tipos de aposentadoria de que esta autora partiu na sua investigação, foi-nos possível confirmar que os modos de vida dos aposentados portugueses se caracterizam pelo Retraimento, Lazer, Família e Terceira Idade. Por outro lado, a adoção de uma perspetiva de curso de vida, seguindo, sobretudo, uma óptica de continuidade, e destacando a importância dos recursos acumulados, permitiu-nos analisar a aposentadoria como fenómeno resultante das trajetórias de vida.

Relativamente à aposentadoria do tipo Retraimento, ela evidenciou estar fortemente explicada pela ausência de uma multiplicidade de recursos, tais como a saúde, um ambiente social alargado, a participação em atividades fora do trabalho no passado, a escolaridade elevada ou a formação profissional. Efetivamente, evidencia-se o facto de a aposentadoria poder significar uma mera reprodução cumulativa de determinismos sociais e de comportamentos aprendidos. Indivíduos provenientes de grupos com estatuto socioeconómico desfavorecido acumulam não apenas menos capital humano (ex.: conhecimentos e capacidades) numa etapa precoce da sua vida, como estão também mais sujeitos a problemas de saúde (O`Rand, 2003). Reforçando o efeito cumulativo das vulnerabilidades, é de supor que as mesmas, sobretudo quando vivenciadas precocemente, se dilatam e se reproduzam ao longo das trajetórias, aumentando a exposição a riscos financeiros e de saúde (Wang & Shi, 2014). Relativamente à realidade portuguesa (Loureiro, 2014), em função das vivências do passado, o estado de saúde poderá ter estado na origem da aquisição do estatuto de aposentado. Contudo, e de forma não consistente com os dados de Guillemard (1972), as variáveis situação de trabalho no passado e rendimento não se assumem como preditores significativos da aposentadoria Retraimento, o que se revela do nosso ponto de vista como algo surpreendente. À data do seu estudo, era inequívoco que esta prática, tão expressiva que lhe merecera a designação de “aposentadoria morte social”, estaria fortemente relacionada com tarefas de pura execução no processo de produção, associada a uma maior fragilidade económica. Era de supor que o efeito condicionador da baixa apropriação do capital cultural (evidenciado pelos baixos níveis de instrução), pela acção intermediária da situação de

trabalho, se traduzisse igualmente por um baixo capital económico. Porque é que a aposentadoria Retraimento, claramente marcada pelo isolamento, pelo imobilismo e pela ausência de projeção no futuro, não é explicada pela situação de trabalho no passado e pelo rendimento? Será interessante aprofundar a investigação, tentando compreender os motivos porque indivíduos com situação profissional ascendente e rendimento elevado poderão viver a aposentadoria de modo mais retraído.

A aposentadoria Família, fortemente assente no papel dos aposentados na família e de ajuda aos filhos, responde às expectativas de uma sociedade tradicional sustentada na base da família e num conjunto de condutas tradicionais. O aposentado encontra o seu papel de fonte de apoio à família, lugar de trocas afetivas. Apesar de assistirmos, em Portugal, a uma reestruturação das relações familiares que produzem descontinuidades e incertezas nos ciclos de vida familiares, fruto de fenómenos como as ruturas conjugais ou as novas conjugalidades, tais fenómenos não destruíram o capital de afetividade associado à família, pois as trocas familiares continuam a acontecer ao nível do domínio afetivo, de ajuda doméstica e financeira, da guarda das crianças e dos cuidados gerais em caso de doença ou incapacidade (Fernandes, 2008). Os nossos dados confirmam o que corrobora a literatura: as relações de parentesco (cônjuge e filhos) constituem as principais fontes de apoio emocional e social, ainda que possam ser complementadas por relações sociais informais (Hank & Stuck, 2008; Kohli, Hank & Kunemund, 2009; Loureiro, 2014; Villaverde Cabral, 2013). Contudo, a saúde não parece isoladamente explicar esta prática de aposentadoria. A probabilidade de melhor ou pior estatuto de saúde não interfere com esta prática. Por exemplo, mulheres aposentadas têm mais probabilidade de experienciarem sintomas depressivos associados com o cuidar de netos, enquanto que a mesma relação não se verifica para os homens (Coursolle, Sweeney, Raymo, & Ho, 2010).

A prática de aposentadoria Lazer, caracterizada por uma participação intensiva em atividades culturais, pela frequência de saídas, férias e fins de semana e por um investimento económico considerável em férias e lazeres, é a que mais corresponde às expectativas que a sociedade formula acerca dos aposentados. A emergência de um sector especial dedicado à indústria dos lazeres tem contribuído para a construção de novas necessidades sociais, centradas quer no desenvolvimento pessoal, expressão cultural ou educação (Kunemund & Kolland, 2008). Fazendo referência a dados europeus acerca do uso do tempo na Europa, os autores apontam como lazeres dominantes o consumo dos média (televisão, dvd, rádio, música e livros), atividades de socialização (atividades de participação, vida social, entretenimento e cultura), viagens, desportos, hobbies e jogos. Daqui se depreende que a

prática Participação, centrada no consumo dos média, não tenha sido verificada na nossa amostra enquanto prática de aposentação isolada, mas provavelmente como uma das dimensões do Lazer. As atividades de consumo dos média, de socialização e atividades culturais são mais frequentes entre as mulheres, sendo o desporto, as atividades de exterior, hobbies, jogos e viagens mais habituais entre os homens. Para além desta prática de aposentadoria se ter mostrado estatisticamente significativa, a percentagem de variabilidade explicada é de 42,7% (R^2 de Nagelkerke), destacando o valor explicativo das variáveis relacionadas com o ter realizado atividades diversas fora do trabalho no passado, desfrutar de uma larga rede de relações sociais e ter usufruído de oportunidades de formação profissional ao longo da vida profissional. Por outro lado, esta prática centrada, sobretudo, no consumo privado de bens obriga a que os indivíduos disponham de um bom rendimento, o que foi possível verificar. Contudo, desfrutar de boa saúde não é condição explicativa para esta prática, segundo a amostra de aposentados portugueses. Note-se, porém, que a amostra em causa privilegiou indivíduos com total capacidade de autonomia e funcionalidade, mostrando-se este indicador não suficientemente discriminatório.

Com efeito, ocupar o tempo de lazer desenvolvendo atividades físicas, pode ser uma via para promover a saúde. Níveis baixos ou moderados de atividades físicas realizadas como forma de lazer ao longo da vida adulta estão associados a risco elevado de demências, em comparação com categorias mais ativas (Tolppanen *et al.*, 2014). Na mesma linha, exercício e participação em atividades de lazer, tais como a participação em eventos culturais ou em organizações de voluntariado, são preditivos de melhor saúde percebida e melhor satisfação de vida (Menec & Chipperfield, 1997). Destaca-se a importância do significado e do potencial do lazer na adaptação à aposentadoria, reforçando o interesse em dar especial destaque a esta temática nos programas de preparação para a aposentadoria, proporcionando aos indivíduos possibilidades e estratégias para o pôr em prática (Kleiber & Linde, 2014).

Em relação à aposentadoria Terceira Idade, caracterizada pela realização de atividades criativas e produtivas, após a passagem para uma fase de não trabalho, ela supõe a acumulação de diversas potencialidades verificadas na nossa amostra: situação de trabalho no passado possibilitadora de progressão e enriquecimento pessoal, formação profissional e atividades várias fora do trabalho no passado. Revisitando a sua obra de 1972, Guillemard advoga que a atualização desta prática se assume hoje, sobretudo, como uma aposentadoria solidária materializada em atitudes de contestação e/ou utilidade social (Guillemard, 2002), o que implica que os novos aposentados possam mobilizar um conjunto de potencialidades

muito mais abundantes do que os aposentados mais velhos. É possível que os novos aposentados não se conformem com o papel de simples beneficiários de um dispositivo público de pré-aposentadoria ou aposentadoria e desejem descobrir novos papéis sociais fora das atividades mercantis. Talvez se depreenda a inexistência na nossa amostra de uma prática Reivindicação, enquanto tipo isolado, pelo facto da atitude mais contestatária e inconformada dos aposentados poder ser expressa através da assunção de papéis incluídos no tipo Terceira Idade. De facto, podemos estruturar os papéis dos idosos numa ótica de envelhecimento produtivo, em torno de vários eixos: meio familiar (transferência de tempo, dinheiro e cuidado aos netos); promoção social (participação em voluntariado, associações e programas intergeracionais); trabalho sénior (no âmbito rural ou nos serviços) e meio político (através do exercício do voto e da participação em partidos políticos) (Gonçalves, 2006). Seria interessante, nesse sentido, explorar variáveis explicativas deste modelo mais contundentes com uma ótica de utilidade e atividade, reforçando os papéis dos indivíduos enquanto atores sociais e cidadãos. Por fim, e como estratégia de aperfeiçoamento desta investigação, destaca-se a possibilidade de explorar a existência de interações entre as variáveis explicativas. Por outro lado, será pertinente incluir outras variáveis que tentassem melhorar a capacidade explicativa dos modelos. Enquanto abordagem paralela, será igualmente interessante desenvolver uma análise de *clusters*, com o propósito de determinar as características diferenciadoras dos grupos de indivíduos resultantes dessa análise.

Referências

- Atchley, R.C. (2000). Retirement as a Social Role. *In*: Gubrium, J., & Holstein. J. (Eds.). *Aging and Everyday Life*, 115-124. Oxford Blackwell Publishers.
- Baltes, P. (1987). Theoretical propositions of life span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, 23(5), 611-626. (doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.23.5.611>).
- Caradec, V. (2009). *Sociologie de la Vieillesse et du Vieillissement*: Armand Collin.
- Coursolle, K.M., Sweeney, M.M., Raymo, J.M., & Ho, J.-H. (2010). The association between retirement and emotional well-being: does prior work – family conflict matter? *Journal of Gerontology: Social Sciences*, 10.1093/geronb/gbp116.
- Fernandes, A.A. (2008). *Questões Demográficas - Demografia e Sociologia da População*. Lisboa (Portugal): Edições Colibri - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa.
- Fonseca, A.M. (2007). Subsídios para uma leitura desenvolvimental do processo de envelhecimento. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 20(2), 277-289.

- Fonseca, A.M. (2011). *Reforma e Reformados*. Coimbra (Portugal): Almedina.
- Gonçalves, D., Martín, I., Guedes, J., Cabral-Pinto, F., & Fonseca, A.M. (2006). Promoção da Qualidade de Vida dos Idosos Portugueses através da Continuidade de Tarefas Produtivas. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 7(1), 137-143.
- Guillemard, A.-M. (1972). *La Retraite une Mort Sociale*. Paris (France): Mouton.
- Guillemard, A.-M. (2002). De la Retraite Mort Sociale à la Retraite Solidaire. La Retraite une Mort Solidaire (1972). Revisitée Trente Ans Après. *Gérontologie et Société*, 102, 53-66.
- Hank, K., & Stuck, S. (2008). Volunteer work, informal help, and care among the 50+ in Europe: Further evidence for 'linked' productive activities at older ages. *Social Science Research*, 37(4), 1280-1291. (doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ssresearch.2008.03.001>).
- Hosmer, D.W., Lemeshow, S., & Sturdivant, R.X. (2013). *Applied Logistic Regression*: Wiley.
- Kleiber, D.A., & Linde, B.D. (2014). The Case for Leisure Education. *Journal of Park and Recreation Administration*, 32(1), 110-127.
- Kohli, M., Hank, K., & Kunemund, H. (2009). The social connectedness of older Europeans: patterns, dynamics and contexts. *Journal of European Social Policy*, 19(4), 327-340. (doi: 10.1177/1350506809341514).
- Kunemund, H., & Kolland, F. (2008). Work and Retirement. In: Bond, J., Peace S., & Dittmann-Kohli, F. (Eds.). *Ageing and Society. European Perspectives on Gerontology*, 167-185. London (England): Sage Publications.
- Loureiro, H., Mendes, A., Fernandes, A.A., Camarneiro, A., Fonseca, A.M., Silva, M., & Ângelo, M. (2014). *A Transição para a Reforma em Reformados Portugueses*: Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA:E) / Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnC).
- Menec, V.H., & Chipperfield, J.G. (1997). Remaining Active in Later Life: The Role of Locus of Control in Seniors' Leisure Activity Participation, Health, and Life Satisfaction. *J Aging Health*, 9(1), 105-125. (doi: 10.1177/089826439700900106).
- O'Rand, A. (2003). Cumulative advantage and gerontological theory. *Annu. Rev. Gerontol. Geriatr.*, 22, 14-30.
- Pinquart, M., & Schindler, I. (2009). Change of Leisure Satisfaction in the Transition to Retirement: A Latent-Class Analysis. *Leisure Sciences*, 31(4), 311-329. (doi: 10.1080/01490400902988275).
- Quaresma, M.D.L. (2008). Questões de Envelhecimento nas Sociedades Contemporâneas. *Revista Kairós*, 11, 21-47.
- Shultz, K.S., Morton, K.R., & Weckerle, J.R. (1998). The Influence of Push and Pull Factors on Voluntary and Involuntary Early Retirees' Retirement Decision and Adjustment. *Journal of Vocational Behavior*, 53(1), 45-57.
- Tolppanen, A.-M., Solomon, A., Kulmala, J., Kåreholt, I., Ngandu, T., Rusanen, M., . . . Kivipelto, M. (2014). Leisure-time physical activity from mid- to late life, body mass index, and risk of dementia. *Alzheimer's & Dementia*(0). (doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jalz.2014.01.008>).
- Vaillant, G. E. (2002). *Ageing Well: Surprising Guideposts to a Happier Life from the Landmark Harvard Study of Adult Development*. Boston (EUA): Little Brown and Company.

van Solinge, H., & Henkens, K. (2008). Adjustment to and satisfaction with retirement: Two of a kind? *Psychol Aging*, 23(2), 422-434. (doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0882-7974.23.2.422>).

Villaverde Cabral, M. (2013). *Processos de Envelhecimento em Portugal. Usos do Tempo, redes sociais e condições de vida*. Lisboa (Portugal): Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Wang, M. (2007). Profiling retirees in the retirement transition and adjustment process: examining the longitudinal change patterns of retirees' psychological well-being. *J Appl Psychol*, 92(2), 455-474. (doi: 10.1037/0021-9010.92.2.455).

Wang, M., Henkens, K., & van Solinge, H. (2011). A review of theoretical and empirical advancements. *Am Psychol*, 66(3), 204-213. doi: 10.1037/a0022414

Wang, M., & Shi, J. (2014). Psychological research on retirement. *Annu Rev Psychol*, 65, 209-233. doi: 10.1146/annurev-psych-010213-115131

Wang, M., & Shultz, K.S. (2010). Employee retirement: A review and recommendations for future investigation. *Journal of Management*, 36, 172-206.

Recebido em 29/11/2014

Aceito em 20/12/2014

Joana Martins Guedes - Mestre em Ciências do Serviço Social. Aluna do Programa Doutoral em Gerontologia e Geriatria, na qualidade de bolsista FCT (SFRH/BD/74446/2010). Assistente no Instituto Superior de Serviço Social do Porto.

URL: <http://www.issp.pt>

E-mail: afonseca@porto.ucp.pt

Sérgio Bacelar e Silva - Economista e Sociólogo. Aluno de Doutoramento em Ciências da Complexidade, no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Estaticista no Instituto Nacional de Estatística.

URL: <http://www.ine.pt>

E-mail: sergio.bacelar@gmail.com

António Manuel Fonseca - Psicólogo. Doutoramento em Ciências Biomédicas. Professor associado na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa. Diretor do Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano UCP/FEP.

URL: <http://www.fep.porto.ucp.pt>

E-mail: afonseca@porto.ucp.pt